

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, de 7 jan. de 1900.

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Mez, 40 réis; trimestre, 120; Anno. 49

AVENIDA DO CEMITERIO

Debato-se uma questão momentosa. O interesse que essa questão desperta na opinião dos barcelenses, dispensa-nos de grandes considerações. Trata-se de uma obra—a avenida do cemiterio—que bem podera ser do maximo proveito pratico para a villa de Barcellos.

A «Lagrima» que, já por mais de uma vez, tem aberto um paronthesis á sua indole alacre e humoristica para se pôr á frente de mais uma campanha de justiça publica, outra novidade n'essa vida de lucta, pugnando pelo progresso de Barcellos, no que é secundada pela opinião de cavalheiros cuja auctoridade havemos de esperar não seja posta em duvida.

Abre-se um plebiscito. Faz-se uma consulta a quem, pela sua importancia pessoal e social tem direito a ser consultado.

O plebiscito, revivendo por um processo publico na imprensa moderna, a fórma democratica da manifestação popular usada pelos cidadãos da Grecia antiga, tanto nos grandes momentos nacionaes como, ordinariamente, em todas as questões de interesse publico, e pelos povos do Norte nas occasiões em que, por sobre o sólo livre da patria, passava alguma coisa de anomalo, contrabalança dignamente, eloquentemente, e por vezes victoriosamente, a centralização monarchica dos poderes administrativos que, conquanto representem no systema um poder regular ou irregularmente eleito pelo povo, se colloca muitas vezes, muitissimas vezes, em aberta opposição com a vontade unânime d'esse povo.

A «Lagrima», no intento de seus redactores não quiz, só, satisfazer a uma curiosidade banal, abrindo um plebiscito sobre a—oportunidade, a vantagem, o bom gosto, e lado economico, da avenida que a exm.^a Camara de Barcellos está rasgando na direcção de um cemiterio.

Sobretudo pensou em ser patrioticamente util a esta terra.

Vejam-se as opiniões que seguem, imparciaes, rectas e opiniões assignadas. Quer dizer, têm o rotulo pessoal.

Não se devem accetar como affirmações gratuitas, de cavaqueiras ociosas, com ideas emitti-

tidas por quem, não comprehendendo os direitos de eideão, que lhe competem de direito e de facto, é incapaz de as valorisar—sendo preciso—assignando-as no campo impessoal da imprensa.

A Camara não é o exm.^o sr. dr. Antonio Ferraz, distincto genealogista, musico primoroso; não é o sr. Joaquim Oliveira, pessoa de veras estimada. Não. Não é um grupo de cavalleiros vistos perante a *nossa intima amizade*. E' uma collectividade perante os interesses publicos.

Eis, pois, os quesitos a respeito da avenida do cemiterio e as respostas que obtiveram:

1.^a parte

1.^o—E' obra de primeira necessidade?

2.^o—Compativel com o precario estado financeiro do municipio?

3.^o—De interesse publico?

4.^o—De bom gosto?

5.^o—E deixa de damnificar a lindissima cerca do Hospital?

2.^a parte

Não seria mais urgente:

A)—Abastecer d'agua Barcellos, principalmente nos pontos mais necessitados d'ella?

B)—Construir uma cadeia ou beneficiar a existente?

C)—Concluir o alargamento da rua Intante D. Henrique, em movimento a principal arteria d'esta villa?

A' primeira parte—*Ave, senatus! morituri te salutant*. A' segunda—Dar de beber a quem tem sede deve ser um dos primeiros artigos da *Cartilha municipal*; No logar da Cadeia, uma officina, dentro da officina, uma escola; Dobrar o Cabo foi alargar o horisonte da Patria. Alargue-se, pois, a rua do Infante. *Manuel José Nunes Pereira* (professor de ensino livre).

A' prim.—Respondo a todos os quesitos com uma negativa formal. A' Seg.—Perfeitamente. *Martins Lima* (medico do partido municipal).

A meu vêr, a avenida do cemiterio é obra que nunca devia fazer-se—porque vae pôr a descoberto para a villa o cemiterio municipal, o que, além de ser uma cousa triste, é reprovado pela hygiene publica.

A LAGRIMA

Se isto não é verdade, nada valem as opiniões dos competentes (não o sou eu—que emitto apenas meu parecer); e nada valem as Instrucções do extinto conselho de saúde publica do Reino de 5 de setembro de 1863—ainda em vigor—pois se diz n'ellas (IV Instrucção) que «os cemiterios devem ser situados fóra dos limites das povoações;» é conveniente (VII Instr.) «que fiquem tambem distantes das estradas publicas e de quaesquer sitios muito frequentados;» e (cit. Instr. VII) Quanto á exposição, elevação e inclinação do terreno designado para cemiterio, attender-se-á a que seja algum tanto elevado, aberto a todos os ventos, em encosta levemente inclinada, e sempre que fôr possível separado da povoação proxima por alguma collina ou matta;» e (VIII Instr.) «Para que a povoação fique o mais abrigada possível das emanacões do cemiterio, e por maior cautela, muito conviria, sempre que fosse possível, plantar em sitio adequado um espesso bosque de arvoredo entre ambos.»

Sendo assim,

¿Como pode essa avenida ser obra de primeira necessidade e de interesse publico e de bom gosto—se é obra reprovada até pelos principios e leis de hygiene publica?

Que ella não é compativel com o precario estado financeiro do municipio—é cousa bem sabida.

Anda o municipio a querer contrahir um emprestimo—para abastecer d'aguas a villa, e para outros melhoramentos inadiaveis.

Não tem dinheiro para estes.

¿Como hade tel-o para aquella obra—em que se gastam contos de réis?

Que ella damnifica a Cerca do Hospital—está bem ás vistas, tambem; e é pena que a damnifique mais.

De resto, é claro que são melhoramentos urgentes e inadiaveis—o abastecimento d'aguas (esperem pelo verão...); a construcção d'uma cadeia, ou a beneficiação da actual; a conclusão do alargamento da Rua Infante D. Henrique; etc., etc.

Para elles, até, quer a exm.^a Camara um emprestimo: por não ter dinheiro e serem inadiaveis.

Eu desejava, sr. Redactor, que na lei administrativa se inserisse uma nova disposição:

Que os 40 maiores contribuintes prediaes e industriaes—reunidos a requerimento d'alguns d'elles—podessem revogar ou suspender as deliberações camararias que entendessem prejudiciaes ao municipio; embora da decisão d'elles podesse haver recurso

Seria benefica essa disposição, e de efficaç resultado.

*

E' claro que esta minha resposta não envolve a minima desconsideração á exm.^a Camara—da qual fazem parte alguns cavalheiros a quem muito préso.

Ella, em boa fé—resolveu fazer a avenida.

Eu, em boa fé—entendo que não deve fazer-se semelhante obra.

¿Qual dos dois estará em erro?

Bom seria que fosse eu. *Sá Carneiro* (advogado)

A' prim.—1, 2 e 5 Não. 4 gosto de qualquer via ampla e larga, mas acho inopportuna a sua construcção. Ao agra lavel, deve antepôr-se o necessario e o util. A' seg.—Qualquer d'estas obras é de urgente necessidade. *Augusto Monteiro* (advogado e ex-vice-presidente da Camara).

A' prim.—A negativa é a minha resposta a estas cinco perguntas. A' seg.—Estes e outros melhoramentos me parecem mais urgentes. *Delfino Pereira Esteves* (pharmaceutico).

A' prim.—1, 3, 4 e 5 Não. 2 Não sei. A' seg.—A) E' obra de primeira necessidade. B) Antes uma escola. C) Sem duvida é preferivel á construcção da avenida. P.^o *Antonio José Monteiro de Lima* (antigo jornalista).

A' prim.—Mora lor e proprietario no largo da Granja e talvez interessado com a obra da avenida do Cemiterio, responde com um não aos cinco primeiros quesitos da «Lagrima». A' seg.—Sim. *Joaquim José de Araujo*.

A' prim.—Não. A' seg.—A Camara que dotar Barcellos com agua e luz, presta-lhe um assignalado beneficio, a que, hõje, aspiram todas as terras civilisadas; e—ao passo que marcará com letras d'oiro a sua passagem pelas cadeiras do municipio—impôr-se-á inolvidavelmente ao reconhecimento publico. *Domingos Carneiro* (correspondente do «Seculo»).

A' prim.—Não que se dispensa. 2 Não, é desperdicio sem utilidade. 3 Talvez para os mortos. 4 Pessimio. 5 Não, porque lhe rouba muitos metros á sua preciosa estensão. A' seg.—Evidentemente que sim, pois qualquer d'essas obras é superiormente mais notavel do que a avenida para o cemiterio. *Arnaldo Braz*.

A' prim.—Não. A' seg.—A) Sim, e de preferencia a qualquer obra. B) Prejudicado. C) Idem. *Luiz de Novaes* (advogado)

A' prim.—Não e á seg. Sim: *Augusto Mottos* (bacharel formado em direito); *Antonio Augusto de Almeida Azevedo*, (empregado na Fazenda); *Manuel Antonio de Almeida* (com-

A LAGRIMA

merciante; *Malthias Gonçalves da Cruz* (commerciante e antigo camarista); *Francisco Antonio de Faria* (solicitador encartado e ex-camarista); *Joaquim Alvares da Silva* (bacharel formado em direito); *Manuel Pereira Esteves* (commerciante e ex-camarista).

A' prim.—Não. A' seg.—A) E' esta uma das primeiras obras a fazer. B) Seria isso de grande alcance. C) Ha muito que tal melhoramento se reclama. *João Carlos Coelho da Cruz* (commerciante).

A' prim.—Não. A' seg.—A) Sim e sobretudo. B) e C) Sim. *Gonçalo Pereira* (capitalista).

A' prim.—1 Não. 2 Não sei. 3 A estrada que ha é sufficiente para a terra que de tantos melhoramentos precisa. 4 E' de bom gosto, mas sem urgencia a sua execução. 5 Não, o que é deveras lamentavel porque a cerca do Hospital é uma das coisas mais bellas de Barcellos e de muita utilidade. A' seg.—Com a maior sinceridade possível, declaro que se eu tivesse poder bastante, mandava que os melhoramentos de Barcellos principiassem por terminar trabalhos que ficaram incompletos; e se as atensões estão voltadas para o lado do cemiterio, era bem mais de justiça que, em logar da avenida, fizessem uma capella onde os mortos, antes de serem sepultados, não ficassem muitas vezes em logar improprio, como na *indecente urna de pau* que lá existe. Porto, 3 de janeiro de 1900. *Antonio Candido* (artista pintor).

A' prim.—A negativa impõe-se pela razão e pela justiça. De resto, o nosso sentir, ficou manifesto na «Folha da Manhã». A' seg.—Sim, sim, tudo que aponta é urgente e devia-se fazer primeiro do que outra qualquer obra. Felicitamol-o, sr. redactor, pela ideia grandiosa e pratica que teve de, por este meio, conhecer a opinião imparcial de Barcellos. *A Folha da Manhã*.

A' prim.—E' obra inutil. A' seg.—Estas, são obras da maior utilidade e bem publico. *Francisco Filippe de Souza Alcoforado* (proprietario).

A' prim.—De 1 a 4. Não sei. 5 Tambem não sei; porque não conheço o plano da obra; mas eu não deixaria tirar a mais pequena parcella á cerca do Hospital por qualquer obra que fosse eptestar no cemiterio publico. A' seg.—Sim. *João Botelho da Silva Cardoso* (escrivão de direito).

A' prim.—Não é obra necessaria, nem util, nem agradavel ao publico; e, antes, trará prejuizo para o municipio e para a Misericordia.

A' seg.—Sim;—é de urgente necessidade o abastecimento d'agua; e seria util o alargamento da rua Infante D. Henrique e a construção da cadeia. *Ludgero Ramires* (advogado.)

A' prim.—Levado pela indignação, pelo escrupulo de não legitimar uma obra tão pyramidal como inutil, respondo negativamente aos quesitos formulados. A seg.—Plenamente d'accordo. *Antonio Gonçalves da Cruz* (pharmaceutico).

A' prim.—Sendo como é indispensavel, incompativel com os recursos do municipio, sem interesse algum, falta de gosto e prejudicando a cerca, é desastrada a ideia da sua construção. A' seg.—E' mais urgente qualquer d'estas, havendo ainda muitas outras que estão em ordem superior á tal avenida. *Antonio Esteves* (escrivão de direito).

Sem pretensão nem intenção de qualquer censura, apreciando a nova obra da construção da avenida do cemiterio, desprevenida-mente, á luz tão somente da minha razão, não a considero de necessidade nem de utilidade.

E' uma obra muito dispendiosa, incompativel com os limitados recursos do municipio, e a meu ver menos conveniente, porque estabelece uma comunicação directa de quaesquer miasmas entre esta villa e o mesmo cemiterio, contra o pensamento das disposições regulamentares em vigor.

Sem duvida as outras obras indicadas são de primeira necessidade e urgencia, e qualquer d'ellas devia preceder a outras quaesquer obras ou melhoramentos, que se tentassem. Ainda ha uma outra de toda a necessidade e urgencia, que é a construção da capella do cemiterio, sem a qual o mesmo cemiterio não se pode considerar concluído, conhecendo-se bem a sua falta nas occasiões dos enterramentos. *Eduardo da Silva Salazar* (advogado).

Ha cerca de tres mezes, foi apresentado nas camaras brazileiras um projecto de lei conferindo a representação politica ao sexo bello; e entrando o mesmo em discussão surge do centro um deputado propondo que se desse por findo o debate, e se tratasse de cousas sérias. Foi approvedo.

No caso proposto digo o mesmo. *Francisco Ferreira da Fonte* (bacharel formado em direito).

A' prim.—1, 2, 3 e 5 Não. 4 Se é bom gosto ir para o cemiterio em *via larga*, concordo. E' beneficio artistico para *cereeiros* e defuntos... A' seg.—Sim. *Silva Esteves* (jornalista).

Aguardamos, ainda, mais respostas, que publicaremos no proximo n.º d'este quinzenario. Aos cavalheiros que nos honraram com os seus escriptos, muito agradecemos.

Soneto

(Ao Exm.^o Snr. Dr. Antonio Ferraz)

*As povoações que, em campo esverdeado
Emparelhando estão faustosamente,
Ambas mantem o garbo transcendente
Da moça bella, em dia de noivado.*

*Barcellos toda ufana, vês d'um lado,
E Barcellinhos do outro abreja em frente,
Entrepassando o rio mansamente
Na sua fuga para o mar salgado.*

*Se a formosa odalisca da Turquia
No harem sentada, captivou-te um dia,
Depois que o sol da tarde reclinou,*

*Contempla aqui as povoações fronteiras,
Odaliscas do Minho e companheiras
Que a ponte sobre o Cavallo ligou.*

Antas da Cruz

Notas da Quinzena

Tres festas de alta significativa, dando um tom primaveril de satisfação aos sombrios e caranceados dias de inverno.

Em primeiro logar a visita do nosso amigo Ex.^{mo} Sr. D. Antonio de Sousa Barroso, um coração só propenso aos santos intuitos!

Barcellos recebeu-o bem, como devia. Devia o que fez! Desde a manifestação de apreço, publica, á particular, demonstrada pelo Rodrigo Azevedo, S. Ex.^a Rev.^{ma} devia pulpar a satisfação que nos dá com a sua presença.

Beijamos-lhe respeitosa e o anel.

Outra festa! A do P.^o Augusto Cunha. A sua missa nova resada no Bom Jesus da Cruz foi concorrida d'uma forma abarrotante. No coro, nos pulpitos, no recinto dos folles do órgão... tudo pejado de amigos que, por força, queriam vêr o padre entrar a primeira vez no exercicio de seu ministerio.

... E' que o P.^o Cunha tem trabalhado durante alguns annos, humildemente—cheio de abnegação e de sacrificios de toda a ordem,—para ser um caracter!

E'-o, ao mesmo tempo que um bom!

A festa dos Bombeiros completou a quinzena! A commemoração de mais um anniversario dos muitos annos de sua existencia, foi cordeal e demonstradora de que a união, o poder da vontade, a solidariedade, produzem optimos fructos no progresso d'uma aggremação, como no progresso d'um povo.

N's solteironas—Um rapaz d'esta villa, nosso amigo, deseja casar-se e pede-nos para o recommendarmos as solteironas barcellenses.

Não é feio nem bonito, nem mesmo é muito alto ou muito baixo. Veste regularmente, isto é, casaco com collete e calças com ceroulas. Usa botas de *chagrín*, vitella ou verniz. Detestou sempre os chenellos de liga, chovendo, e chenellos de couro, estando de sol. Chapeu só tem um e esse dura-lhe para tres annos. Compra gravatas usa-las. Tem dois relógios: o da Camara e o do David. Usa camisas de estopa; meias de lã d'ovelha. Não fuma, nem joga, nem frequenta cafés, nem theatros. Não sabe nadar, caçar, pescar, nem mesmo pilhar grillos. Ignora o que são *zaranzas*. Escreve torto por linhas direitas. Não sabe o que são bebidas alcoolicas, banhos de mar e de caldas. Tem medo das romarias, das tainas. Nada de desconfiado, de ciumento. Não resona. Nunca andou em carro, comboio, mas sim a cavallo no burro do pae d'elle. Cartas a esta redacção com as iniciaes X P T O—LONDON.

Fim de seculo—O fim de seculo foi para os barcellenses cheio de desordens e engraçados episodios, alguns dos quaes já narramos no ultimo numero.

Seguem outros:

O nosso amigo João Fernandes, na occasião da passagem d'um para outro seculo, quebrou os oculos.

* O lanterneiro João, da Nogueira, á mesma hora, vendo passar em frente á sua casa um carro do Augusto Viajante e julgando que, n'essa noite, se verificava a romaria da Senhora das Necessidades, começou de correr atraz do carro, gritando:

—«Pare o carro».

E queria por força ir á romaria!

* Na mesma noite o Rouquinho perdeu as chaves do cofre do kiosque e como precisasse de *massas* era preciso arrombal-o.

Pedidos o mais pedidos ao Armindo do Souto, ao Rente e ao Germano, para que lh'o arrombassem.

Nada feito porque as *massas* que continha podiam ser explosivas.

N'esta altura o Rouquinho julgando-se quem o arrombe (o cofre, já se sabe) vae a casa, carrega a espingarda e dispara um tiro contra a frechadura do referido cofre. N'esta occasião (e nada mais natural) passava o amador Zacharias que ao ouvir a detonação entrou no kiosque e abraçando um filho do Rouquinho disse lhe logo:

—«Tenha paciencia, foi por vontade d'elle. Todo o funeral deve custar sómente 30:000 reis.

O Byscaia anda a estudar a musica que os gatos fazem n'este mez pelos telhados.

Deve ser uma boa composição!

Para boas-festas, lindos cartões; para 1900, formosos kalendarios: na livraria Julio Barreto, Barcellos.